

**“Onde você mora?”: um estudo hodonímico dos logradouros do município de Farroupilha/RS**

**"Where do you live?": a hodonymic study of the streets of the city Farroupilha/RS**

**Jaqueline Biazus**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS

*Campus Bento Gonçalves*

[biazusjaque@gmail.com](mailto:biazusjaque@gmail.com)

<https://orcid.org/0009-0009-1899-2179>

**Kleber Eckert**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS

*Campus Bento Gonçalves*

[kleber.eckert@bento.ifrs.edu.br](mailto:kleber.eckert@bento.ifrs.edu.br)

<https://orcid.org/0000-0002-6436-1193>

**Resumo:** Conhecer e entender as motivações da escolha de certas denominações para nomear determinado lugar é uma maneira de estudar os fatores sociais, culturais e históricos que dele fazem parte e, portanto, de preservar memórias significativas e particulares do povo que nele habita. Sendo assim, o principal objetivo deste artigo é analisar, sob a perspectiva histórica, linguística e sociocultural, os nomes dados às ruas, avenidas e travessas do município de Farroupilha, localizado no Rio Grande do Sul. Para isso, é realizado um estudo documental dos aspectos históricos e socioculturais, com ênfase nos processos migratórios, bem como nas características atuais do município de Farroupilha, ou seja, o processo de ocupação do território por imigrantes italianos no século XIX até o desenvolvimento da cidade na contemporaneidade; uma análise bibliográfica da área da toponímia a partir de autores como Dauzat (1947), Seabra (2006), Marcato (2009), Frosi (2009), Zamariano (2012) e Isquerdo (2019), principalmente; a classificação dos hodônimos conforme taxionomias previamente definidas, com base em Dick (1990), e uma análise da motivação decorrente da denominação de cada logradouro. Após a realização de cada etapa citada anteriormente, chegou-se a algumas conclusões: a administração pública valoriza quase com exclusividade as pessoas locais no ato de nomear, ou seja, as pessoas que contribuíram para a construção e o desenvolvimento do município; e, também, estampa a história e a cultura, especialmente a dos imigrantes italianos, nos nomes dados aos logradouros. Por fim, este estudo contribui para a construção de conhecimento sobre a microtoponímia urbana na Região de Colonização Italiana do Rio Grande do Sul e apresenta uma interpretação dos nomes dos logradouros para a comunidade pesquisada.

**Palavras-chave:** nomes; hodonímia; Farroupilha-RS; italianidade.

**Abstract:** Knowing and understanding the motivations behind the choice of certain names to designate a particular place is a way of studying the social, cultural, and historical factors that are part of it, and therefore, preserving significant and particular memories of the people who inhabit it. For that reason, the main objective of this article is to analyze, from a historical, linguistic, and sociocultural perspective, the names given to the streets, avenues, and alleys of Farroupilha, a city located in Rio Grande do Sul. For this purpose, a documentary study of the historical and sociocultural aspects is carried out, with emphasis on migratory processes, as

well as on the current characteristics of the municipality of Farroupilha; in other words, the process of tertiary occupation by Italian immigrants in the XIX century until the city development in contemporary; a bibliographic analysis of the area of toponymy based mainly on the works of Dauzat (1947), Seabra (2006), Marcato (2009), Frosi (2009), Zamariano (2012) and Isquerdo (2019); the classification of hodonyms according to previously defined taxonomies, based on Dick (1990) and an analysis of the motivation resulting from the naming of each thoroughfare. After completing each stage mentioned above, some conclusions were reached: the public administration values almost exclusively local people when naming, in other words, people who contributed to the construction and development of the municipality; also, it portrays history and culture, especially that of Italian immigrants, in the names given to the streets. Finally, this study contributes to the construction of knowledge about urban microtoponymy in the Italian Colonization Region of Rio Grande do Sul and presents an interpretation of the street names for the researched community.

**Keywords:** names; hodonymy; Farroupilha-RS; Italianness.

## **Introdução**

A Onomástica é uma área de estudos do campo da Lexicologia e visa estudar os nomes próprios. Ela comporta diferentes subáreas, sendo duas as principais: a Antroponímia, que estuda os nomes próprios das pessoas, e a Toponímia, que estuda os nomes próprios dos lugares. Como microcosmo da Toponímia, há os estudos hodonímicos, que consistem no tema do presente artigo. A Hodonímia se debruça sobre a análise dos nomes de vias públicas, como ruas, avenidas e travessas.

O nome dado a um lugar carrega a intenção de quem o nomeou. Fatores históricos ou até mesmo socioculturais podem ser motivações que desencadearam o ato da nomeação de determinado local. Em referência a isso, Leite (2021: 23) defende que “[...] nomear um lugar do mundo circundante é uma maneira de estabelecer uma particularidade e de o diferenciar em relação a outro aos seus semelhantes”. Desse modo, trazer à tona as motivações das denominações de um lugar é preservar memórias significativas e únicas que, em razão da passagem do tempo, podem acabar no esquecimento; é também retomar a história e outros motivos que identificam e particularizam determinado local.

Portanto, o objetivo principal deste artigo é analisar, sob a perspectiva histórica, linguística e sociocultural, os nomes dados às ruas, avenidas e travessas do município de Farroupilha/RS. Sendo assim, este estudo hodonímico reacendeu e entendeu os aspectos históricos e socioculturais que culminaram na nomeação dos logradouros do município. Além de trazer o ineditismo de uma abordagem dessa natureza, a pesquisa contribui com outros estudos toponímico-hodonímicos já realizados na Serra Gaúcha, onde o município de Farroupilha está localizado, como os de Frosi, Faggion e Dal Corno (2010), Sartori, (2010), Silva (2011), Baretta (2012), Cioato (2012), Faggion, Misturini e Dal Pizzol (2013), e Bertoletti (2016), bem como os já realizados no estado do Rio Grande do Sul, como os de Eckert e Frosi (2014) e Eckert e Röhrig (2017).

Assim, a metodologia da pesquisa consistiu, num primeiro momento, na realização de um estudo documental dos aspectos históricos e socioculturais, com ênfase nos processos migratórios, e também nas características atuais do município de Farroupilha. Para a constituição do *corpus*, os nomes dos logradouros foram coletados no Código Postal dos Correios, em função de se ter acesso a dados atualizados. A coleta ocorreu no mês de maio de 2023 e passou por uma triagem, ou seja, foram selecionados apenas os nomes de ruas, avenidas e travessas da zona urbana de Farroupilha, excluindo-se nomes de estradas e de rodovias.

Num terceiro momento, todos os logradouros foram descritos em uma planilha de Excel e classificados quanto ao tipo de taxa, conforme as subdivisões de Dick (1990). Assim, por exemplo, quando uma denominação fosse um antropotopônimo, isto é, quando o nome de uma rua fosse inspirado no nome de pessoas, foi avaliado quem eram as pessoas homenageadas; se eram vultos históricos locais, estaduais ou nacionais; do gênero masculino ou feminino; a que grupo étnico pertenciam; e, por fim, um recorte de cada taxionomia e observação da motivação da nomeação de cada rua, avenida e travessa, conforme a Figura 1.

**Figura 1:** tabela com as análises realizadas

LOGRADOUROS	TAXES	QUEM SÃO/FORAM OS ANTROPO-HODÔNIMOS? ou os CORO-HODÔNIMOS	GÊNERO	VULTO LOCAL, ESTADUAL OU NACIONAL	ETNIA SOBRENOME	TIPO DE HODÔNIMOS
Abele José Delmoni	Antropo-hodônimo	Sócio-fundador do Clube 1º de maio e do Círculo Operário Farroupilhense	Masculino	Vulto local	Italiano	Natureza antropocultural
Abramo Dal Molin	Antropo-hodônimo	Líder comunitário. Comerciante, político, empreendedor	Masculino	Vulto local	Italiano	Natureza antropocultural
Abramo Feltrin	Antropo-hodônimo	Líder comunitário. Agricultor e comerciante	Masculino	Vulto local	Italiano	Natureza antropocultural
Achylles Fernando Bonfanti	Antropo-hodônimo	Líder comunitário. Sócio da firma Bonfante & Cia, do ramo de madeiras	Masculino	Vulto local	Italiano	Natureza antropocultural
Adelina Ângela Faé Guerra	Antropo-hodônimo	Professora	Feminino	Vulto local	Italiano	Natureza antropocultural

Fonte: os autores (2024)

Para tanto, este artigo organiza-se da seguinte maneira: na primeira seção, é exposta brevemente a história sociocultural do município de Farroupilha, com destaque para os povos colonizadores e para características atuais da referida cidade; a segunda seção abarca o referencial teórico, no qual se discutem os principais conceitos da Toponímia e da Hodonímia, além de se apresentarem as taxionomias toponímicas; na terceira seção, são analisadas todas as ruas, avenidas e travessas do município de Farroupilha; e, na quarta seção, são expostas as considerações finais.

## 1 Síntese sociocultural do município de Farroupilha

O município de Farroupilha localiza-se na região Nordeste do Rio Grande do Sul, mais especificamente na Serra Gaúcha, e o seu território foi habitado inicialmente por indígenas e, anos depois, por imigrantes, principalmente italianos. Uma das localidades habitadas pelos indígenas costumava ser chamada “Campo dos Bugres”. Nome que surgiu, conforme Gasperin (1989: 65), em decorrência de um acampamento abandonado de povos originários encontrado por Antônio Machado de Souza e seus companheiros, em 1864, durante uma expedição à região serrana. Essa expedição tinha por objetivo a busca por um caminho que ligasse Montenegro a São Francisco de Paula.

Naquela mesma época, a Itália vivia um período bastante instável, principalmente nos setores da economia e da política. Com efeito, a única opção para vênets, lombardos e trentinos

era a saída do solo pátrio em busca de novas terras que propiciassem estabilidade. Diante desse cenário, o Governo Imperial do Brasil decidiu, em 1870, ocupar as terras desabitadas e inativas do Sul do País. A boa recepção da ideia permitiu que se iniciassem os fluxos migratórios para o Rio Grande do Sul em 1875 (Frosi; Mioranza, 2009: 22).

No Rio Grande do Sul, a partir de análises e estudos realizados por Luís Antônio Feijó Júnior<sup>1</sup>, as terras serranas mostraram-se promissoras para o povoamento, pois eram terras devolutas. Assim, conforme relata Gasperin (1989: 69), João Sertório<sup>2</sup> criou duas comissões: uma ficaria a leste no “Campo dos Bugres” e a outra a oeste em “Conde D’Eu” e “Dona Isabel”. Elas seriam responsáveis por demarcar quatro léguas quadradas de solo e levantar barracões para a acolhida dos imigrantes, até que eles conseguissem construir suas próprias casas.

Na região havia três colônias: Caxias, Conde D’Eu e Dona Isabel. Muitos imigrantes italianos foram conduzidos a esses territórios, contudo, antes de sua vinda, as colônias no entorno já estavam sendo habitadas por pessoas vindas de outros países, a exemplo de Conde D’eu, que “já havia sido ‘invadida’ por algumas famílias de alemães, franceses, suíços, belgas e portugueses [...] embrenharam-se em direção do alto da Serra e se acolonaram por conta própria” (Gasperin, 1989: 72).

Em decorrência de todo esse processo, parte do “Campo dos Bugres” passou a ser uma colônia particular denominada de “Sertorina”. Essa colônia fora fundada e colonizada por Luis Antônio Feijó Júnior. Todas as terras da 1º Léguas, nas quais foi construído o barracão que abrigou os primeiros imigrantes italianos, fazem parte do atual município de Farroupilha. Para Caxias do Sul, restaram os territórios atuais de Linha Feijó e Forqueta (Gasperin, 1989: 113-114).

---

<sup>1</sup> Luís Antonio Feijó Junior era fazendeiro e natural de Bom Jesus. Ele foi proprietário da “Colônia Particular Sertorina”, a atual Farroupilha.

<sup>2</sup> Presidente da Província

O primeiro barracão foi construído em 1875, ano da vinda dos primeiros imigrantes italianos. Segundo Frosi e Mioranza (2009: 55), os primeiros a chegarem foram milaneses e estabeleceram-se em terras próximas às dos imigrantes alemães. A colônia destinada era denominada Fundos de Nova Palmira, hoje a atual Nova Milano, em Farroupilha (Frosi; Mioranza, 2009: 55). Na época, a localidade passou a denominar-se Nova Vicenza, em decorrência de muitos imigrantes terem vindo da comuna de Vicenza.

Com o passar do tempo, mais imigrantes italianos chegaram à Serra Gaúcha formando novos aglomerados, a fim de constituir uma comunidade e desempenhar atividades para a sua sobrevivência. Para esse agrupamento acontecer, os novos grupos obedeciam a alguns fatores. Frosi e Mioranza (2009: 22) destacam a razão religiosa, existência de uma igreja e sacerdotes; a étnica, agrupamento de pessoas da mesma origem italiana devido ao orgulho regional, provincial e municipal, combustível que daria credibilidade à criação de centros urbanos; e, por fim, a social, que, devido ao agrupamento de pessoas da mesma etnia, resultaria em um melhor relacionamento entre os habitantes.

Em 11 de dezembro de 1934, Farroupilha desmembrou-se dos municípios de Montenegro, Bento Gonçalves e Caxias do Sul, através do Decreto Estadual nº 5.779, conquistando, assim, sua emancipação (Farroupilha, 2023). Hoje, o município apresenta uma área territorial de 361,341 km<sup>2</sup> e uma população de 69.885 habitantes (IBGE, 2022). Destaca-se no setor industrial, com ênfase no metal mecânico, seguido pela produção de embalagens, comércios atacadistas e varejistas e, por fim, a agricultura e serviços (Farroupilha, 2023).

Por conta disso, “hoje grande parte da população do município já não é de origem italiana” (Baretta, 2012: 19). Por outro lado, Farroupilha permanece batizada como “Berço da Imigração Italiana” e, por isso, mantém acesa a cultura italiana em alguns festivais promovidos, a exemplo do ENTRAI (Encontro das Tradições Italianas), bem como em memórias que

traduzem a trajetória dos imigrantes, como o Museu de Imigração Italiana e o Marco de Fundação, hoje situado em Nova Milano.

## **2 A Onomástica**

A Lexicologia é a área que estuda as palavras que constituem o léxico. É por meio da língua e, portanto, de seu aparato lexical, que as pessoas transmitem suas culturas, tradições e hábitos. Dessa forma, pode-se, através do patrimônio lexical, refletir sobre as “percepções e experiências multisseculares de um povo” (Seabra, 2006: 1953).

Uma das ciências do léxico é a Onomástica, que a responsável por estudar os nomes próprios. A Onomástica se divide conforme o foco de cada pesquisa: o estudo dos nomes próprios de pessoas cabe à Antroponímia, enquanto a Toponímia se concentra no estudo dos nomes próprios dos lugares. Apesar dessa divisão, as duas áreas são dependentes uma da outra, visto que

nomes de lugares e nomes de pessoas sempre tiveram entre eles, e ainda têm, relações de interdependência, mais ou menos indicadas conforme as épocas. Cidade ou aldeia, frequentemente, chamadas pelo nome de seu fundador ou do possuidor do domínio em torno do qual uma aglomeração se formou mais tarde. Em contrapartida, o indivíduo ou a família, são frequentemente denominados conforme sua localidade, seu município, sua pátria de origem, de acordo com sua propriedade ou conforme tal particularidade de sua residência (Dauzat, 1950: 4).

Os nomes de pessoas e de lugares são representações que se mantêm durante muitos anos ou, em razão do tempo, desaparecem. Isso porque, de acordo com Dauzat (1950: 5), o aspecto do solo, as montanhas, os rios, as zonas ribeirinhas, assim como a cidade e a aldeia, permanecem mais tempo na história, por isso os nomes de lugares são considerados mais arcaicos. Ao contrário dos nomes de pessoas, que mudam e desaparecem conforme as gerações; razão que se deve aos nomes de pessoas sofrerem influências das variações de moda, enquanto os nomes de lugares, não.

Em razão desses fenômenos, surgem duas dicotomias do signo onomástico: a transparência e a opacidade. Para explicar esses conceitos, Seabra (2006: 1957) usa como

exemplo os topônimos de aspectos físicos e naturais “Baixada, Vargem, Barro Branco, Água Suja” e os relacionados com a História, em que o caráter é transparente, visto que o sentido do referente é identificável até mesmo pelas pessoas que não habitam o local, a exemplo do hodônimo comumente encontrado nas cidades: “Sete de Setembro”, que é a data de um acontecimento nacional. Em contrapartida, a opacidade é gerada quando o “sentido” é apagado no decorrer dos anos, a exemplo de topônimos que se referem a aspectos psíquicos e culturais das pessoas de uma determinada região.

Por mais transparente que seja um nome, o signo onomástico é considerado um identificador e, portanto, definido como um “rótulo” ou uma “etiqueta”. Essa questão é problematizada por Marcato (2009: 19), visto que o signo onomástico, comparado a um signo linguístico, é formado por uma entidade fônica que identifica um ser, mas não há a passagem de um significado atribuído diretamente a um referente, seja um elemento ou objeto, individual ou concreto.

A partir dos conceitos abordados na Onomástica, é possível traçar a importância que o estudo dos nomes próprios gera para a Linguística e, também, para outras áreas. Conhecer a motivação e a intenção de cada nome é conhecer a sua origem e a sua história.

## **2.2 Toponímia e Hodonímia**

Como já mencionado, a Toponímia refere-se aos nomes de lugares: *topos* (lugar) e *onoma* (nome). É a partir dessa área do conhecimento que se pode estudar os fatores que explicam a escolha de um nome, que, de acordo com Marcato (2009), podem ser derivados do ambiente, como forma do terreno, plantas, animais, rios e montanhas; bem como por razões humanas, como nomes de pessoas e de santos.

O “signo toponímico” é estudado no viés originário e motivador dos nomes. Por conta disso, Isquierdo (2019: 31-32) institui duas funcionalidades atreladas ao topônimo: a primeira refere-se a sua dupla função, a de identificar e a de significar, esta última como forma de



determinar a identidade dos lugares e, portanto, fornecer elementos relacionados com a história política, econômica e sociocultural de determinada região; já a segunda se relaciona a toda nomeação motivada por fatores ligados à realidade do denominador.

Assim, é possível constatar que o topônimo carrega marcas particulares e, portanto, significativas ao lugar nomeado, pois, no momento da nomeação, a pessoa provocou uma intenção representativa para ela. Isso ocorre porque, de acordo com Faggion, Misturini e Dal Pizzol (2013: 11), as nomeações do espaço são parte da identidade dos seres humanos, uma vez que eles são vinculados ao espaço e ao tempo que habitam.

Dessa forma, o topônimo é necessariamente interdisciplinar, pois, em conjunto com os aspectos linguísticos, investigam-se os fatores extralinguísticos, como os históricos, os geográficos e os antropológicos, entre outros. Por conta disso, Dick (1990: 35) define a Toponímia como “[...] um imenso complexo línguo-cultural, em que dados das demais ciências de interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente”.

Cabe destacar que nem sempre os lugares permanecem com os mesmos nomes, visto que muitos podem ser substituídos. Dauzat (1947: 41) assevera que, quando há a chegada de novos habitantes a uma região, advindos de migrações, invasões e conquistas, são introduzidos topônimos provenientes da língua de origem das pessoas. Por conseguinte, ao longo dos anos, os lugares podem receber outros nomes que acabam substituindo o nome original.

Por outro lado, há topônimos que permanecem. Entretanto, por serem denominações antigas, não são mais transparentes, ou seja, perdem o seu significado original. Em razão disso, o estudo toponímico não se concentra apenas na sincronia, mas se ocupa também da diacronia, visto que “a intencionalidade e a origem semântica da denominação [...] acabam influenciando na formalização das taxionomias dos nomes de lugares” (Zamariano, 2012: 358).

No momento da classificação dos topônimos, pode-se levar em consideração dois pontos: a formação externa e o sentido intrínseco. Para Dauzat (1950: 19-20), a primeira é

compreendida pela sua espontaneidade, já que é advinda do pensamento do coletivo, ou da sistemática, quando relacionada à ação da autoridade, do conquistador ou do fundador da cidade. Por outro lado, em relação ao sentido, os elementos dos nomes podem ser empréstimos da geografia, do homem ou de aspectos abstratos ou históricos, além dos diversos elementos da natureza.

Para a análise toponímica, Dick (1990) estabeleceu algumas taxas que classificam as motivações de cada nome. O modelo taxonômico criado pela autora estabelece algumas categorias, as quais são distribuídas em dois grandes grupos - um de natureza física e o outro de natureza antropocultural.

Essas classificações estendem-se também aos microcosmos da Toponímia, e um deles é a Hodonímia, que visa estudar os nomes de lugares menores, como ruas, avenidas e travessas de uma determinada região. De acordo com Frosi (2009: 2), Toponímia e Hodonímia estão vinculadas à vida dos homens fundadores e habitantes do lugar por meio da história, da política, do desenvolvimento socioeconômico e cultural, bem como da etnia e da origem da cultura fixada no país.

Assim, os nomes dos logradouros de uma cidade também evidenciam muito além da simples nomeação: eles trazem a trajetória e a história de um povo. É nesse sentido que Sartori (2010: 32) assevera que “nomes [das ruas] dão pistas do passado e do presente, dos ocupantes, das figuras ilustres homenageadas e dos interesses que estão por trás de sua nomeação.”

Frosi (2009) segue a mesma perspectiva em relação à importância que as denominações exercem em um lugar. A autora expressa que os hodônimos

[...] sustentam no território acolhedor uma dimensão histórica típica, uma combinação dinâmica e perfeita entre o sentido do velho e do novo mundo. A presença desses hodônimos é resultante de escolhas, às vezes, ditadas por autoridades civis ou religiosas, outras vezes, pelos próprios moradores do lugar (FROSI, 2009: 02).

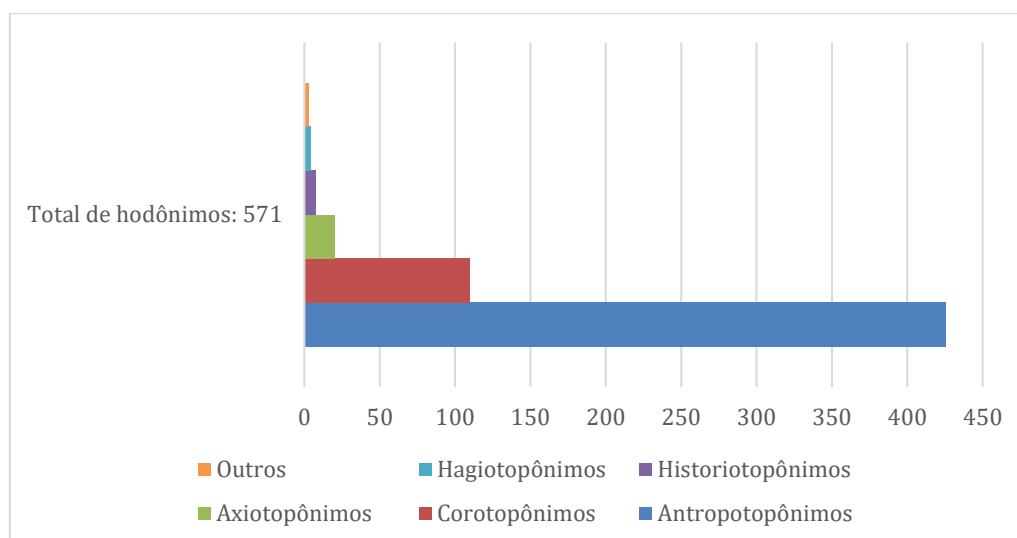
É nesse viés que este trabalho visa estabelecer a motivação dos logradouros do município de Farroupilha. A partir deles, será possível estabelecer relações com a História, com o território e as intenções do povo farroupilhense no ato de nomear.

### **3 Hodônimos farroupilhenses: vamos compreendê-los?**

Com a pesquisa referente aos nomes de ruas, avenidas e travessas, foram verificados, no ano de 2023, 571 logradouros no município de Farroupilha. Dentre eles, constatou-se que todos os hodônimos analisados se classificam como de natureza antropocultural, não havendo, portanto, nem mesmo um de natureza física. Em uma análise comparativa, outros estudos realizados na Serra Gaúcha, a exemplo de Sartori (2010), Silva (2011), Cioato (2012), Bertoletti (2016), e no Rio Grande do Sul, como os de Eckert e Frosi (2014) e Eckert e Röhrig (2017), notaram a predominância de hodônimos de natureza antropocultural, contudo nenhuma das pesquisas constatou a prevalência em sua totalidade. Desse modo, os dados apresentados demonstram que Farroupilha valoriza com exclusividade, na nomeação dos logradouros, o cidadão que contribuiu para a comunidade, resultando, assim, em um achado inédito para a região da Serra Gaúcha e para o Rio Grande do Sul.

Nos hodônimos de natureza antropocultural foram evidenciadas, no momento da classificação, oito taxionomias: 426 antropotopônimos, 110 corotopônimos, 20 axiotopônimos, 8 historiotoopônimos, 4 hagiotoopônimos, 1 etnotopônimo, 1 ergotopônimo, 1 hodotopônimo, conforme gráfico abaixo. Alguns exemplos são, respectivamente: Rua Carlos Fetter, Rua Veranópolis, Rua Coronel Pena de Moraes, Rua Onze de Dezembro, Rua São João Calábria, Rua Vicentina, Avenida das Indústrias, Avenida Perimetral.

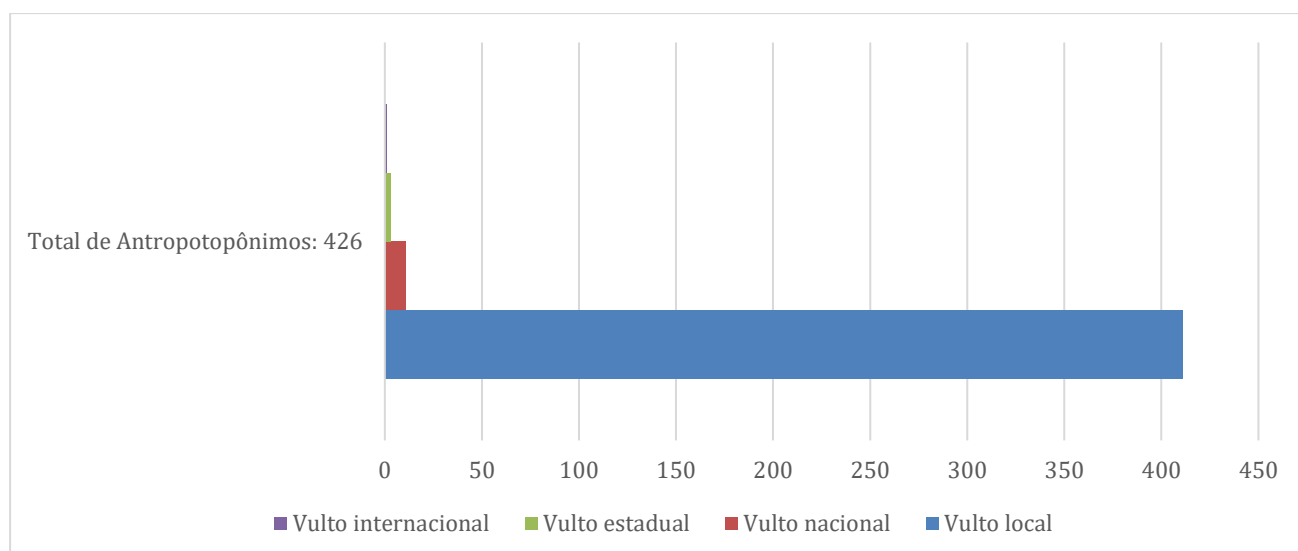
**Gráfico 01** – Classificação conforme as taxionomias de Dick (1990)



Fonte: os autores (2024)

Desse modo, nota-se que os antropotopônimos prevalecem em relação aos demais, sendo que 96,5% (411) são relacionados a nomes de vultos locais, 0,7% (3) estaduais, 2,6% (11) nacionais e 0,2% (1) internacional, conforme apresenta o Gráfico 02. Essa prevalência em nomeações relacionadas a nomes de pessoas da comunidade também foi constatada na cidade de São Marcos/RS, por meio do estudo de Cioato (2012), e na cidade de Cotiporã/RS, com o estudo de Bertolotti (2016). Contudo, o mesmo fenômeno não foi constatado na cidade de Caxias do Sul/RS, conforme demonstrado nos estudos de Sartori (2010) e Frosi, Faggion e Dal Corno (2010), pois a grande maioria da nomeação do município citado é atribuída a figuras estaduais e nacionais, em decorrência das substituições ocorridas em determinados períodos históricos.

**Gráfico 02** - Presença de vultos locais, estaduais, nacionais e internacionais



Fonte: os autores (2024)

Das pessoas homenageadas, todas desempenharam importantes funções e contribuíram, de alguma forma, para o legado de Farroupilha, sendo, em sua grande maioria, líderes comunitários (ex. Ângelo Fanton), seguido de líderes emancipacionistas do município (ex. Ângelo Damiani), pioneiros de Nova Vicenza (ex. João Carlos Frederico Fetter), professores (ex. Olga Ramos Brentano), imigrantes italianos (ex. Guilherme Tartarotti), políticos (ex. Pedro Koff) e líderes operários (ex. Pedro Grendene).

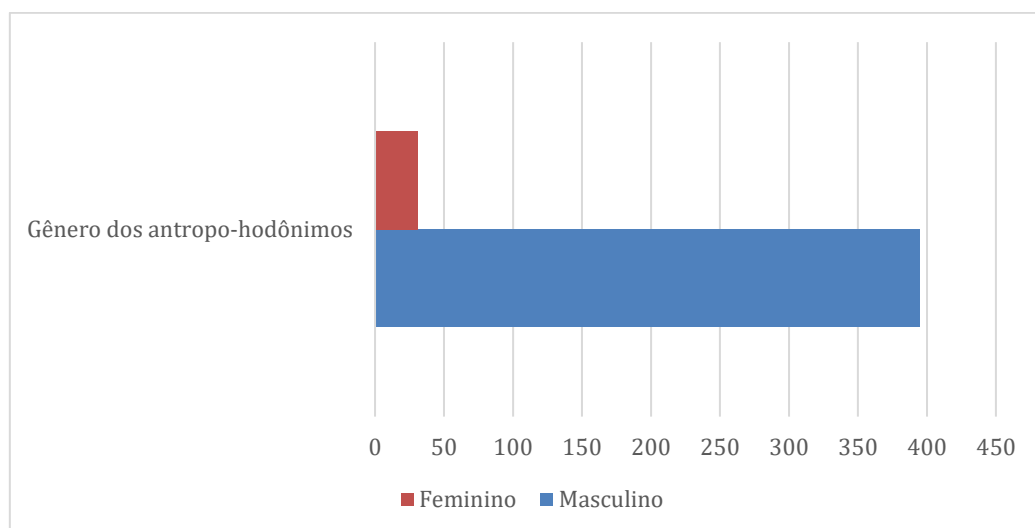
Vale ressaltar que a escolha por nomes locais demonstra o orgulho e a admiração que a comunidade farroupilhense tem pelas pessoas que lá habitam ou já habitaram. Gomes (2018: 2) ressalta que o foco das nomeações dos logradouros de Farroupilha sempre é o cidadão, pois além de ser um modo de homenagear os farroupilhenses que viveram e construíram a comunidade, é uma forma de respeito pelos antepassados e a manutenção dos modelos de vida para as novas gerações. Em relação a esse processo, Cioato (2012: 88) considera como um “[...] sentimento de valorização local e a construção de uma identidade regional”.

Estudos têm mostrado que o grupo étnico que ocupou e colonizou majoritariamente determinado local predomina nas escolhas dos antropotopônimos. Tais pesquisas demonstram

esse fenômeno nos sobrenomes, a exemplo da região da Serra Gaúcha, com a etnia italiana, nas cidades de Cotiporã/RS e São Marcos/RS, por meio dos estudos de Bertoletti (2016) e Cioato (2012); e com a etnia alemã, nas cidades de Lajeado/RS e Estrela/RS, com os estudos, respectivamente, de Eckert e Frosi (2014) e Eckert e Röhrig (2017). No caso de Farroupilha, apesar de ser, hoje, uma cidade heterogênea em relação às origens étnicas, nota-se que a italianidade se mantém predominante nos antropotopônimos: 348 nomes apresentam sobrenomes italianos. Além disso, percebe-se que outras origens étnicas que habitaram e contribuíram para a comunidade também possuem reconhecimento, mas com números bem menores: 39 são alemães, 27 são portugueses e o restante são espanhóis, franceses, ingleses e indígenas.

Em relação ao gênero dos antropotopônimos, constata-se que 92,8%, o que corresponde a 395, são nomes do gênero masculino, e 7,2%, o que corresponde a 31, são nomes do gênero feminino, conforme apresenta o Gráfico 03. Essa disparidade também foi evidenciada em todos os estudos toponímico-hodonímicos realizados na região da Serra Gaúcha e no Rio Grande do Sul.

**Gráfico 03** - Gênero masculino e feminino dos antropotopônimos



Fonte: os autores (2024)

Nesse viés, cabe destacar que a grande maioria das funções exercidas pelas mulheres homenageadas está relacionada à docência, a atos de caridade e à doação à Igreja. Destaca-se Celestina Arsego, que foi agraciada com nome de rua sendo imigrante italiana e, também, Aurora Argentina Dalla Riva Tartarotti, que foi participante e colaboradora da emancipação do município, atribuições que foram reconhecidas, em sua grande maioria, aos homens. Em relação a cargos políticos, há apenas Amélia Grendene, que foi primeira-dama do município. Diante disso, percebe-se que a figura feminina é reconhecida pelos feitos realizados em prol das pessoas, seja da família, da Igreja ou da escola; enquanto o homem é reconhecido como o “herói” da sociedade, a figura central da família, aquele que luta e ajuda a construir. Esse fenômeno ocorre, pois, conforme Frosi, Faggion e Dal Corno (2010: 6) explicam, ainda há discriminação das mulheres das comunidades urbanas, em especial na ocupação de cargos importantes e na desigualdade salarial entre homens e mulheres. Nessa mesma perspectiva, Cioato (2012: 77) enxerga a denominação “constituída de relações de poder”.

Outros estudos hodonímicos realizados no Brasil chegaram à mesma conclusão. Ferreira e dos Santos (2019), na análise dos nomes femininos dados às ruas da cidade de Porto Nacional-TO, identificaram apenas 13 topônimos femininos num universo de 441 topônimos analisados. Para as autoras, “por meio desses dados, é possível observar a baixa representatividade da figura feminina na toponímia urbana da cidade. Além do mais, nenhum topônimo com nome feminino pertence aos principais logradouros” (Ferreira; Dos santos, 2019: 214). De igual modo, Arnhold e Schwengber (2022), ao analisarem os hodônimos do município de Ijuí-RS, perceberam que de uma total de 755 ruas oficializadas na cidade, somente 48 são ruas com nomes de mulheres. Dessa forma “os nomes das ruas da cidade de Ijuí-RS têm um significado simbólico em que, através de um consenso social, os homens são mais homenageados do que as mulheres e, conseqüentemente, mais memórias de homens são perpetuadas” (Arnhold; Schwengber, 2022: 10).

O segundo posto de maior número de classificações de taxionomias é em relação aos corotopônimos, ou seja, os nomes dos logradouros provenientes de denominações de lugares locais, estaduais, nacionais ou internacionais. Os dados revelam que 110 vias públicas estão relacionadas ao nome de um local existente, das quais 89 são de municípios do Rio Grande do Sul (ex. Carazinho), 6 comunas da Itália (ex. Beluno), 5 estados brasileiros (ex. Minas Gerais), 5 cidades italianas (ex. Padova), 2 regiões italianas (ex. Toscana), entre outros.

Na região da Serra Gaúcha, apenas Bento Gonçalves/RS apresentou uma quantidade significativa para a taxionomia dos corotopônimos. Faggion, Dal Corno e Frosi (2008: 290) explicam que essa atitude demonstra uma “[...] urgência de denominações, numa cidade que crescia em ritmo acelerado”, fato que também se comprova nos dados colhidos pelo IBGE em relação a Farroupilha, já que em 1936 a cidade era composta por uma população de 13.261 pessoas e, em 2022, por 69.885, ou seja, em 86 anos houve um aumento de 56.624 habitantes. O crescimento populacional deu-se em decorrência da instalação de grandes indústrias, o que acarretou na migração de pessoas advindas de outras localidades (Baretta, 2012).

Como foi possível notar, a italianidade se faz presente também nos logradouros, por meio de nomes de comunas, regiões e cidades da Itália. Apesar de já se passarem quase 150 anos do início da imigração italiana, permanecem o orgulho e a valorização pelo imigrante italiano, sendo essa uma forma de estampar e nunca deixar no esquecimento os lugares em que os primeiros colonizadores do município um dia já moraram. Além disso, a escolha por tais denominações contribui para a identidade do município.

Outro ponto de influência italiana se deve à questão da religiosidade, com a presença de hagiotopônimos, ou seja, nomes de santos e santas da religião católica, e de axiotopônimos, ou seja, títulos que acompanham os nomes próprios. Dos 20 axiotopônimos, 10 são relacionados a figuras religiosas (ex. Dom Ângelo Felix Mugnol) e, em relação aos hagiotopônimos, 4 assim se classificam (Santa Rita, São João Batista, São João Calábria e São Vicente). Essa



característica é determinante de um local, cuja cultura italiana ainda vigora, visto que os colonos eram muito devotos aos seus santos, ainda mais em uma época em que a “vivência religiosa ou as promessas da religião tiveram força de transformar o habitante num ser resignado e submisso face às diversidades e corajoso ante os caminhos a trilhar” (Frosi, 2009: 95).

O restante dos hodônimos pertence, em menor predominância, a outras taxionomias, sendo elas: historiotopônimos, com datas de acontecimentos locais (ex. Onze de Dezembro), estaduais (ex. Vinte e Cinco de Julho) e nacionais (ex. Sete de Setembro); etnotopônimo, que, neste caso, relaciona-se com a origem étnica italiana (Vicentina); ergotopônimo (ex. das Indústrias); e hodotopônimo (ex. Perimetral).

Os dados até aqui expostos, em comparação com os estudos de Baretta (2012), referentes aos nomes de bairros e distritos de Farroupilha, apresentam diferenças. Em relação ao estudo do autor citado, constataram-se mais nomes relacionados à natureza antropocultural, em detrimento dos de natureza física. Entretanto, há de se considerar que os números dos de natureza física referentes aos bairros e distritos foram maiores que deste estudo hodonímico. Ainda, observou-se a predominância de hagiopônimos e historiotopônimos, ao contrário dos logradouros, em que houve a prevalência de antropotopônimos e corotopônimos.

Todavia, entre este estudo e o de Baretta (2012), há uma semelhança explícita: um dos grandes temas motivadores determinantes tanto dos logradouros, quanto dos bairros e distritos é a etnia italiana. Em relação aos bairros e distritos, esse tema relaciona-se com a religiosidade, especialmente a católica; nomes de lugares da Itália; e comemorações da Colonização Italiana ocorrida na região de Farroupilha. Já nos logradouros, a cultura italiana está presente em forma de nomes de santos e de santas da religião católica; nomes de lugares e a geografia da Itália; e, nomes das pessoas com sobrenomes italianos.

Desse modo, constata-se que os estudos desenvolvidos no município de Farroupilha traduzem resultados inéditos e peculiares de um local, cuja colonização italiana ainda se

mantém presente na memória individual e coletiva. O orgulho e a admiração das pessoas que vieram da Itália e que foram os pioneiros na construção da cidade se mostra de forma clara quando averiguadas as motivações de cada nomeação, especialmente por meio dos nomes das pessoas, dos nomes dos lugares e dos nomes religiosos.

### **Considerações finais**

Conforme apontado nos resultados e nas discussões, esta pesquisa debruçou-se, exclusivamente, sobre os nomes de ruas, avenidas e travessas, desconsiderando, portanto, nomes de estradas e rodovias do município de Farroupilha. Dessa forma, este trabalho tende a contribuir e a integrar mais um dos estudos desenvolvidos pelo microcosmo da Toponímia: a Hodonímia.

O objetivo principal deste artigo consistia em “analisar, sob a perspectiva histórica, linguística e sociocultural, os nomes dados às ruas, avenidas e travessas do município de Farroupilha”. Tal propósito foi atingido, pois houve a possibilidade de realizar um estudo interdisciplinar que abarcasse a análise dos logradouros por meio de um estudo documental dos aspectos históricos e socioculturais, com ênfase nos processos migratórios e nas características atuais do município de Farroupilha; a extração de todos os nomes das ruas, avenidas e travessas e a classificação de cada denominação com uma taxa, sendo observadas as características motivacionais do ato de cada nomeação.

Pela análise relatada neste trabalho, pode-se constatar que Farroupilha, assim como outros municípios da Serra Gaúcha e do Rio Grande do Sul, apresenta uma predominância de hodônimos de natureza antropocultural, em detrimento dos de natureza física. Contudo, no município analisado, há uma prevalência total dos de natureza antropocultural; assim, destaca-se o ineditismo de tal achado para a região da Serra Gaúcha e para o Rio Grande do Sul, e prova-se que a administração pública valoriza, exclusivamente, o povo e a cultura circundante do local no momento de nomear.

A taxa antropotopônimos foi a classificação mais encontrada. Em uma análise mais aprofundada, nota-se que Farroupilha é mais um dos municípios da Serra Gaúcha e do Rio Grande do Sul que apresenta maior prevalência de nomes de homens em detrimento dos de mulheres, o que, de fato, revela-se numa discriminação de gênero. Também, foi averiguado nos antropotopônimos que as pessoas possuíam mais sobrenomes italianos em detrimento de outros povos que residiam no município, a exemplo dos alemães, lusos, espanhóis, franceses, ingleses e indígenas.

Além disso, a italianidade se faz presente, entre outros fatores, com nomes de regiões, comunas, cidades da Itália; e nomes relativos à Igreja Católica. Pelo viés extralinguístico, observa-se que a predominância da marca étnica está relacionada com a história de ocupação e colonização de Farroupilha. Essa região recebeu mais imigrantes italianos, inclusive abrigou os primeiros que chegaram ao Rio Grande do Sul. Por conta disso, ainda carrega o título de Berço da Imigração Italiana e, também, por parte dos descendentes, o orgulho e admiração pelos seus antepassados e a sua identidade. Por outro lado, o cidadão farroupilhense, assim como o município vizinho Bento Gonçalves, parece acolher as pessoas que vêm de fora, fato que se revela em relação aos corotopônimos, com a predominância de diversos nomes de municípios do Rio Grande do Sul.

O estudo de Baretta (2012), cujo foco concentrou-se no estudo dos nomes de bairros e distritos de Farroupilha, dialoga parcialmente com alguns resultados encontrados neste estudo hodonímico, a exemplo da etnia italiana, que é um dos grandes temas motivadores para a nomeação. Desse modo, é interessante que novos estudos venham a contribuir com este estudo hodonímico na cidade analisada, a exemplo da pouca representatividade feminina nos antropotopônimos. Numa pesquisa futura, será possível analisar quais ruas - em quais bairros - são nomeadas com antropotopônimos femininos - e o que isso significa; além disso, a pesquisa

poderá responder, detalhadamente, quem foram essas mulheres e por qual razão elas foram homenageadas.

Perante os resultados desta pesquisa, destaca-se a importância e a relevância social que o estudo homonímico tem, especialmente na revelação do imaginário das pessoas que assim decidem a quem homenagear no ato de nomear. Desse modo, a pesquisa encontra respaldo nas marcas históricas, culturais e ideológicas de uma determinada localidade e nos habitantes que nela residem, sendo, assim, uma forma de transcrever quem ou o que é, de fato, importante para o núcleo social.

Por fim, conclui-se que Farroupilha não apenas traz traços culturais italianos em eventos promovidos ou em objetos e falares, mas carrega a história e a cultura nos nomes dos logradouros. Outras culturas e pensamentos parecem engatinhar para adentrar a um território cuja marca do orgulho dos antepassados e pela identidade italiana ainda permanece presente.

Recebido em 07/04/2024

Aceito em 06/05/2024

Publicado em 03/01/2025

## **Referências**

Arnhold, A. L.; Schwengber, M. S. V. (2022). A Memória das Mulheres nas Ruas da Cidade de Ijuí/RS: Discursos Toponímicos na Exposição 'As Mulheres que Estão no Mapa'. Ponta Grossa: *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*, (13), 2.

Baretta, R. C. (2012). *Estudo toponímico dos bairros e distritos de Farroupilha-RS*. Caxias do Sul, UCS. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, UCS, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul.

Bertoletti, F. E. V. (2016). *A crônica de um povo: a toponímia na cidade de Cotiporã*. Caxias do Sul, UCS. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, UCS, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul.

Cioato, F. B. (2012). *Os nomes do município de São Marcos: linhas, comunidades, bairros e ruas*. Caxias do Sul, UCS. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, UCS, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul.

Dauzat, A. (1947). *Les noms de lieux: oirigen et évolution – Villes et villages – Pauys – Cours d'eau – montagnes – lieuxdits*. 5 ed. Paris: Delagrave.

Dauzat, A. (1950). *Les noms de personnes: oirigen et évolution Prénoms - Noms de famille - Surnoms*. 4 ed. Paris: Dellagrave.

Dick, M. V. de P. do A. (1990). *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado

Eckert, K.; Frosi, V. (2014). Os hodônimos da cidade da Lajeado-RS: sua natureza, suas interfaces. Uberlândia: *Domínios de Linguagem*, (8), 1.

Eckert, K.; Röhrig, M. (2017). Os nomes das ruas da cidade de Estrela-RS: um estudo hodonímico. Ouro Preto: *Calectroscópio*, (5), 8.

Faggion, C. M.; Dal Corno, G. O. M.; Frosi, V. M. (2008). Topônimos em Bento Gonçalves: motivação e caracterização. Caxias do Sul: *Métis: História & Cultura*, (7), 13.

Faggion, C. M.; Misturini, B.; Dal Pizzol, E. V. (2013). Ideologias no ato de nomear: a toponímia revelando mudanças nas relações de poder de uma comunidade. Araguaína: *EntreLetras*, (4), 2.

Ferreira, F. R.; Dos santos, A. K. (2019). A figura da mulher na toponímia urbana do município de Porto Nacional-TO: uma análise quanti-qualitativa. Rio de Janeiro: *Revista Philologus*, (25), 75.

Frosi, V. M. (2009). Os hodônimos de uma praça: suas interfaces, seus significados. *Anais do VI Congresso Internacional da Abralín*. João Pessoa: Ideia.

Frosi, V. M. (2009). Os logradouros de Caxias do Sul: seus nomes, suas interconexões. *Anais do II Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa*. Évora.

Frosi, V. M.; Mioranza, C. (2009). *Imigração Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul: Processos de Formação e Evolução de uma Comunidade Ítalo-brasileira*. Caxias do Sul: Educs.

Frosi, V. M.; Faggion, C. M.; Dal corno, G. O. M. (2010). Hodônimos de Caxias do Sul e Bento Gonçalves: suas interfaces e correlações com o contexto histórico e cultural. In: Isquierdo, A. N.; Barros, L. A. (orgs). *As ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. vol. V. Campo Grande / Porto Alegre: Editora UFMS / UFRGS.

Gasperin, A. (1989). *Farroupilha: ex-Colônia Particular Sertorina*. Caxias do Sul: Ed. do autor.

Gomes, A. C. R. (2018). *Ruas de Farroupilha: suas vidas e histórias*. Farroupilha: Ed. do autor.

História do município de Farroupilha. (2023). Recuperado de: <https://farroupilha.rs.gov.br/pagina/id/2/?historia-do-municipio.html>

IBGE (2022). Recuperado de: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/farroupilha.html>

Isquierdo, A. N. (2019). *Toponímia ATEMS: caminhos metodológicos*. Campo Grande: Editora da UFMS.

Leite, J. A. (2021). *A toponímia rural humana preservada nos sertões de Araraquara (séc. XIX-XXI)*. São Paulo, UNESP. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, UNESP, São Paulo, São Paulo.

Marcato, C. (2009). *Nomi di persona, nomi di luogo: introduzione all'onomastica italiana*. Bologna: il Mulino.

Sartori, T. O. (2010). *Ruas de minha cidade: um estudo hodonímico*. Caxias do Sul, UCS. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, UCS, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul.

Seabra, M. C. C. T. de (2006). Referência e onomástica. In: *Múltiplas perspectivas em linguística: Anais do XI Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística (XI SILEL)*. Uberlândia: ILEEL, 1953-1960.

Silva, M. D. P. da (2011). *A razão de nomear: o papel da identidade étnica na denominação dos logradouros de Caxias do Sul*. Caxias do Sul, UCS. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, UCS, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul.

Zamariano, M. (2012). Reflexões sobre a questão do nome próprio na toponímia. Niterói: *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê América Central e Caribe: múltiplos olhares* (22), 45.